

A Casa Tombada  
FACONNECT- Faculdades Conectadas

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
GESTOS DE ESCRITA COMO PRÁTICAS DE RISCO



Valores em circulação, ar da palavra

Carmen Lúcia Capra

# Valores em circulação, ar da palavra

Trabalho de Conclusão da Pós-graduação Gestos de Escrita  
como práticas de risco, orientado por Ângela Castelo Branco e  
Mariana Galender.

Carmen Lúcia Capra  
Porto Alegre, agosto de 2022

*Houve um tempo em que tudo, tudo estava fechado. Era julho de 2020.  
Quando apareceu uma porta aberta, entrei. Eu e mais um bando.*

*Não era uma só uma porta aberta. Era um mundo que permitiu  
existir uma comum-unidade.*

*Este trabalho é uma parte do comum que fundamos. Este  
trabalho é um pertencer,  
é um tanto que ofereço ao meio de onde veio.*

*Às orientadoras Ângela Castelo Branco e Mariana Galender,  
às leitoras Júlia Panadés e Edith Derdyk  
e às colegas do Núcleo Fracassar Camila Lordelo, Sarah Coeli e  
Ana Inda, muito obrigada.*

**Resumo:**

Apresenta-se o trabalho realizado no curso de especialização Gestos de Escrita como práticas de risco, compondo o grupo Escrita como Fracasso. Seu interesse são as intensidades e as dimensões que podem ser de tempo, de espaço, de quantidade, de tamanho, entre outras, conhecidas como expressões adverbiais, colhidas do livro *Meditações*, do governante romano Marco Aurélio. O conjunto de expressões circunstanciais foram levadas à falha, especulando o que pode ocorrer pelo fracasso da definição, da precisão e da relação que pretendiam, apresentando-as isoladas dos seus complementos. Disso surgiram especulações de escrita em exercícios e materialidades que abrangeram a escrita digital, carimbos e fios, além de fotografia e crochê com termos como *ainda, só, agora, sempre e demais*. Na companhia de textos de áreas diversas, a investigação iniciou perguntando algo entre a definição de estados e a impossibilidade da precisão para, ao final, apresentar-se como um convite à escrita por carimbos com expressões circunstanciais que podem ser associadas entre si em etiquetas adesivas, como que inserindo ar nas palavras e no seu meio de fixação, tanto taxativo, quanto precário. Ademais, aqueles valores em circulação podem ser associadas a objetos ou lugares concretos, conforme a ação de quem escreve.

**Palavras-chave:** valores em circulação, advérbios, fracasso, escrita.



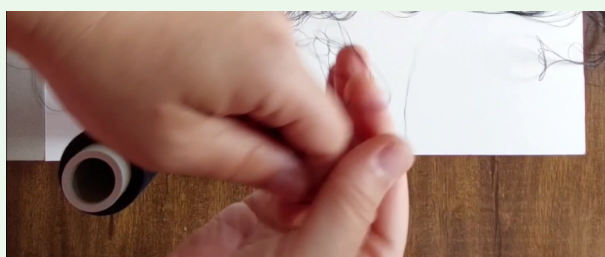
## SUMÁRIO

1



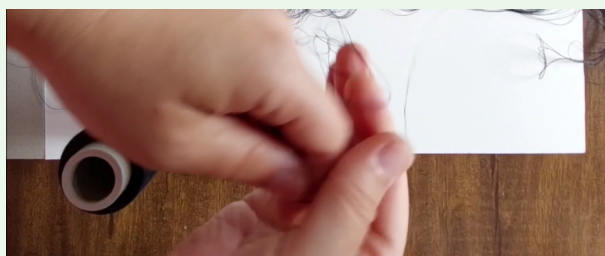
4

2



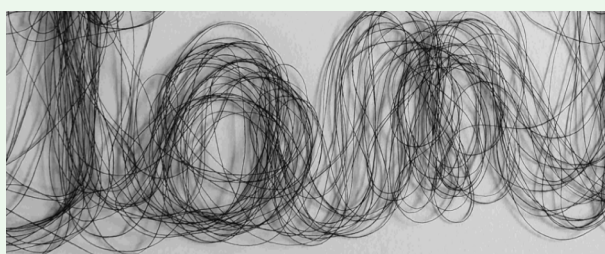
19

3



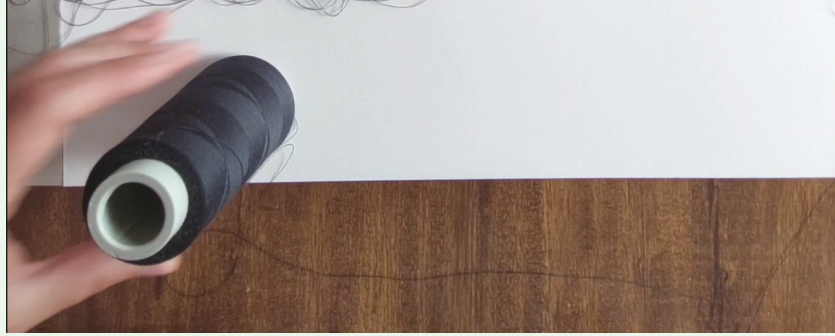
23

4



40

1



Faz quase dez anos, tive um momento de parar para pensar sobre o uso do tempo e o que poderia dizer do seu destino. Dito desta forma – *destino do tempo* – poderia conduzir o pensamento ao desígnio de uma vida ou à escolha de caminhos, nela. Se fosse esse o caso, seria como se tomássemos a posição de apreciação: olharíamos para a vida ali, diante dos nossos olhos, talvez avaliando o que foi feito dela, o resultado, a culminância. Deu em quê? Rendeu? Faliu?

Se o pensamento pudesse fluir em outra relação com o tempo, quem sabe tempo e pensamento escoassem com menos eficiência e não tão fatalmente. Aquele foi o tempo de

a b r i r   o   m i n u t o (ou pequenos possíveis)

Abrir o minuto, como se abre uma porta, um pote, uma garrafa, como quem abre um buraco na terra, parte uma laranja, ou abre um livro. Abrir o minuto. Fender o momento. Embaralhar o cronômetro. Tomar o tempo nas mãos e dar-lhe forma. Cavar nele um espaço vazio, e ali soprar a duração de um instante.

\*

Abrir o muito apresentou uma constelação de filmes amadores, fotografias, desenhos, textos e ações que emergem, na fronteira entre arte e vida cotidiana. Como ponto de partida, o encontro casual com um pequeno livro de pensamentos muito conhecido e comum ao cotidiano brasileiro. O texto, repleto de conselhos e imperativos inicialmente fechados em si mesmos, tornou-se pretexto para a reflexão em ação, desdobrando-se em indagações, que vão do poético ao comentário cômico. O processo de apropriação coletiva deste material gerou diferentes abordagens e leituras, desafiando relações entre subjetividade e verdade, escrita e leitura, centrando-se, em especial, em uma reflexão multifacetada sobre o tempo.

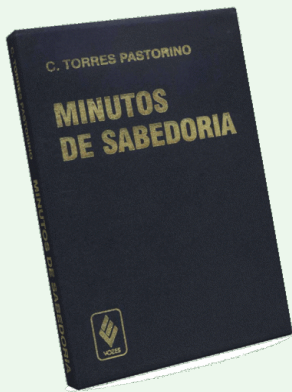
Mas de que tempo se fala? Do tempo socialmente compartilhado, tempo do capital e da ciência, espacializado na métrica dos relógios e calendários? Deste tempo sempre escasso, tempo da produtividade máxima, tempo que é sempre preciso fazer render mais? Ou fala-se do tempo singular, vivido na duração da experiência de cada sujeito? Sonhar a abertura do tempo em sua dimensão física é habitá-lo justamente na zona de tensão entre estes territórios em disputa.

\*

Foi pra pegar o tempo numa dobra de esquina, o tempo que se registra e esconde no espaço entre as linhas, nas fendas do pensamento. Foi pra cozinhar, lavar e passar o tempo, em águas frias e abundantes. Foi pra perder, costurar e desmanchar o tempo, nos nós imprevistos das linhas tortas. Foi pra esgaçar suas camadas, arranhar a sua força regradada, no meio de uma praça

pública. Foi pela alegria íntima liberada pelos gestos mínimos, inúteis e revolucionários. Foi pra compartilhar a força delicada dos pequenos possíveis. Foi pra regar o tempo vegetal e vê-lo germinar: abrir o minuto.<sup>1</sup>

Aquela também era uma fase de uma dedicação travessa aos Minutos de Sabedoria, um livrinho que sobrevive em gavetas e prateleiras, junto àquelas coisas das quais não duvidamos da utilidade. Daí que ele permanece em alguma bolsa ou bolso nos cantos dos armários de muitas casas, tanto que minhas companheiras de práticas artísticas debruçaram-se sobre a brochurinha de capa plástica com letras douradas, criando outros modos de usá-la. No seu escrutínio, escrevi isso:



Sou familiarizada com o livrinho, pessoas próximas a mim no passado cultivavam o hábito de consultá-lo, sorvendo dele mensagens por vezes apaziguadoras do espírito, por vezes orientadoras da atitude. Era até visto como um bom presente de aniversário ou de amigo-secreto.

Na minha casa existiam alguns exemplares: numa gaveta da cômoda, junto às maquiagens e na bolsa da minha irmã. Em outra época estivera na gaveta das meias, em cima da fileira de livros na estante, junto com os papéis a serem jogados fora. Mas de tão sobriozinho que era – a capa azul-marinho que gentilmente oferece minutos de sabedoria –, acabava por voltar. Salvo do descarte, podia retornar para a mesa de cabeceira, quem sabe uma sabedoria antes de dormir alumiasse o próximo dia?

Estive acompanhando minha mãe no hospital, em janeiro, onde ficaria por alguns dias fazendo exames. Aproveitei aquele tempo de silêncio interrompido por entradas repentinas de enfermeira, nutricionista, chefe da enfermagem, faxineira, copeira, para folhear os Minutos. Conhecê-lo em sua estrutura era o que eu desejava.

Folhas finas, levemente amareladas e transparentes. Papel bíblia? Capa plástica, muito bem colada, firme. Método eficiente de encadernação! Impressão tipográfica tradicional. Leve e prático.

Cada minuto é numerado e cada minuto oferece – não estou bem certa dessa “oferta” – uma sabedoria. Percebo que o nº 1 inicia com não. Passo mais algumas páginas, encontro um não novamente no início do Minuto n. 4. E depois no 12 e no 15. Haveria uma lógica para a distribuição daqueles minutos tão fortes?

Assim fui anotando o número de cada minuto iniciado por não. O primeiro está no n. 1 e o último no 288. No 154, um encontro curioso: o minuto mais importante da sua vida. Repito para mim mesma: este é o minuto mais importante da minha vida? Penso... sigo procurando pelos não.

Nenhuma lógica foi revelada, apenas a constatação de que eram 65 minutos que iniciavam com não. Tantos minutos e tantos não. Simulando a margem da folha do livrinho no meu caderno

<sup>1</sup> Texto da exposição coletiva do Laboratório de Práticas, coordenado por Ana Flávia Baldisserotto, grupo do qual eu fazia parte: <http://www.laboratoriodepraticas.com.br/abrir-o-minuto/> (2013).

de anotações, passei um minuto escrevendo não, obedecendo ao espaço delimitado e ao meu ritmo de escrita daquele momento. Consegui, até que bastante organizados, 54 deles.

Me pus a olhar a que referiam-se os não. Liste o número do minuto e o verbo que o complementava: criticar é o primeiro, acumular é o último. Mais alguns deles: procurar, impressionar-se, deixar e deixar-se (ocorrendo por duas vezes), julgar (este repetido duas vezes seguidas!), crer, ficar remoendo, ser.

Olhei minha lista. Novamente fiz uma página de não, desta vez todos unidos numa só escrita. Percebi que a palavra já não é a mesma, aquele não se desfez em outra coisa. Escrever naonaonaonao cansa.

Na volta para casa, passei numa papelaria para comprar alguns materiais. Pensava em papéis finos e fita mágica. Folhas, fita e anotações: mãos à obra. Recortei páginas falsas, copiei nelas as margens, escrevi a lápis. Tudo parecia cheio demais, acúmulo desnecessário. Tantos não: 65 vezes! Tantas ações desaconselhadas: 93, ficar; 100, dizer; 101, deixar. Interessante era que as negativas às vezes se repetiam por páginas seguidas. Verifiquei que este era o caso de seis “sabedorias”, sendo que por duas vezes as negativas aconteciam em sequência de três: 132, 133, 134 e 166, 167, 168.

Saturação. A saída foi inserir, de forma móvel, apenas encaixado entre duas páginas de início negador, um par de páginas em branco. E, depois disso, ocultar com camadas transparentes o minuto 154, o mais importante da sua vida.<sup>2</sup>

O paradeiro do livro trabalhado é desconhecido. Sei, contudo, que mais adiante, em um impulso só, ocorreu de fazer instruções para encontrar intensidades, talvez um movimento contrário ao aperto dos aconselhamentos:

Na fala comum, perceber as coisas concretas, os lugares, as ações, os números, as qualidades e as intensidades. Isolar as intensidades.

Nem todas as frases têm isso.

Nem todas as                    têm isso.

Nem todas                    isso.

Nem                    isso.

Nem

Um as frases têm mais que outras.

Um as frases                    mais que outras.

frases                    mais que outras.

mais que

mais

Isolada a intensidade, não tanto olhar,

---

2 Escrita de 2013.

não tanto

tanto

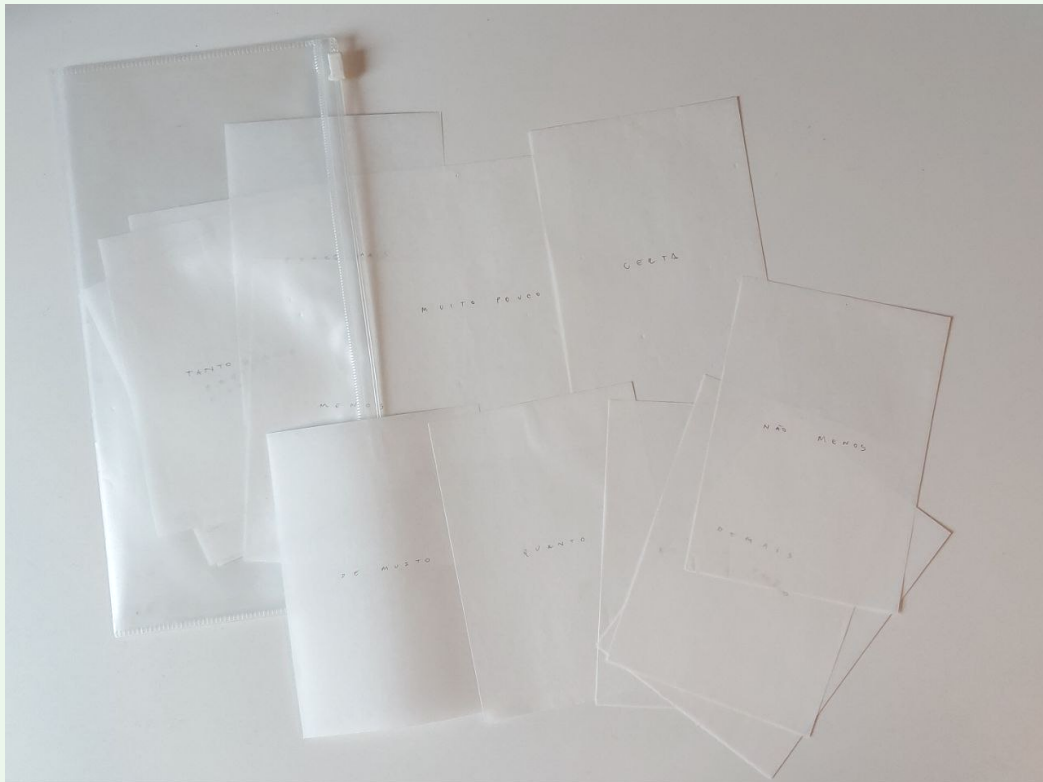
mas muito mais, deixar vibrar.

muito mais, deixar vibrar

muito mais, vibrar

muito mais

As intensidades, elas estão sempre com o que buscam intensificar. Caminhando na rua um dia, refleti sobre uma receita de bolo ou de qualquer outra preparação, onde tem uma indicação como esta: adicione açúcar o quanto baste. Açúcar o quanto baste... quanto baste? Como uma indicação orienta a um tanto que baste? Em uma receita haveria que ter as informações certas, como se faz um tanto que baste? O que basta, o suficiente, a quantidade, se não de açúcar ou manteiga, como sabê-las quando estão assim, abertas? Passei a reunir sob a ideia de *ações inúteis de calibragem* apenas o que poderiam ser quantidades abertas ou medidas incertas. Cada medida pousada no papel semitransparente e escrita à mão é como uma tensão sem a corda esticada. Hoje entendo-as como a voz, pois não se vê as cordas vocais em ação, que podem ainda ser quantidades sem a substância.



Ação inútil: calibragem. 18 folhas de papel manteiga A5, caneta nanquim, apresentadas nesta sequência (2015)

Ainda acionada pelas justificativas e das provas a dar, passei a pensar que impedir as medidas de medirem era uma de uma série de ações inúteis que muito me interessavam. Ações sem serventia exigem um trabalho árduo para que possam existir no loteamento geral do tempo e, se for o caso de serem cultivadas com o cuidado que merecem, elas poderão ser totalmente leais ao inútil. Só que as ações inúteis apenas são possíveis quando todo um sistema se desconjunta, é por isso que sempre foram condenadas pelos departamentos de produção. Nos últimos anos, contudo, CEO's galanteadores tentam vesti-las de criatividade, em uma artimanha de sedução à circulação no mercado digital. Torna-se útil o inútil, agora como imagem neoliberal de sujeitos que exploram a si mesmos sob as etiquetas de empresariamento e produção de rede social. Dedicada a ações inúteis, passei a filmar o desmanche de tecidos feitos à mão e cortes em folhas de papel almaço, além de ordenar pela hora os cartões de estacionamento roubados da lixeira de coleta que fica junto à cancela.

Bem depois, houve um momento que parecia bem outro, em que pude olhar para as mulheres comerciantes dos anos 1970 e 80 – minha mãe, minha tia, eu mesma criança e outras mulheres proprietárias, esposas, filhas ou noras dos proprietários de farmácias, alfaiatarias, casas lotéricas, sapatarias, laboratórios fotográficos, açougues, lojas de tecidos e confecções, armazéns e ferragens – e para os valores em circulação ao redor daquela lojinha.

Escrevi um ensaio no módulo conduzido pela professora Sandra Lessa, nesse curso de especialização, trazendo cenas do convívio das duas mulheres comerciantes com mercadorias, freguesia, artesãs e uma sorte de valores móveis, negociáveis, inomináveis, uma verdadeira bolsa de valores. Foi como um jorro de uma memória estacionada e à espera que, ao ser acionada, compôs uma rede de poderes e magias em jogo na vida daquelas mulheres e também de seus filhos, criados do lado de dentro dos balcões.

### La Paloma Presentes

Às suas ordens? O que era? Pois não?

No primeiro contato, mais que uma disposição à freguesa.

Estão se usando. Na novela.

Pacotes bonitos, sortimento.

Tem desconto na circulação de valores nos balcões da loja?

Terezinha Maria Luiza, Inês, Liége, Etelvina, Ivone, Fátima, Rosa, Nilza, Mafalda, Lourdes faziam e vendiam, umas para as outras, guardanapos, toalhas, roupas de criança, toucas e mantas, luvas com e sem dedos, flores de tecido, bolsas, chinelos de pano, chapéus, xales.

Colchas.

Lencinhos bordados e babeiros de cambraia.

Ensinavam a conserva da cor, da brancura e da maciez.

Mas não os segredos dos começos, dos forros bem colocados e dos arremates. Aquele fio fininho, só os olhos na ponta da agulha da Rosalina atingiam. Imbatível, ela, nos jogos de 5 guardanapos para sala ou 3 para quarto.

Feitas para durar.

Mulheres tocando um estabelecimento comercial era concorrer um mundo de provas.

De saber vender e diminuir os estoques.

De saber o que vendia e sempre aumentar o sortimento.

Sustentar o negócio e a família, Luiza Terezinha Maria.

E atender ao balcão com o filho febril sentado no banquinho, escorado no vaso com as palmas de plástico.

E saber dos maridos à espera na calçada ou dentro do carro, apressando as mulheres negociantes de bonecas de pano.

E sobreviver à solidão depois da loja fechada e da janta feita, da louça lavada, da roupa recolhida, do feijão cozido, da porta trancada e da oração pelo dia de hoje e pelo de amanhã.

Sábado é dia de movimento.

Dia a dia de comércio se dá a ver pelas sortes: chaveiro de signo, baralho, álbum de figurinhas, dados e jogo de bingo.

Galo do tempo.

Finos cinzeiros de pedras polidas ou ametista bruta de Guaporé.

Para a mesinha de centro.

O sapo amarrado na caixinha de papelão de bolas de natal, anonimamente posto atrás da porta do depósito.

A comigo-ninguém-pode, na porta da frente.

Seres mágicos.

Os anéis masculinos, dourados com rubis de vidro ou de acrílico, mais baratos. Mas estes saíam pouco.

Os tamanhos, suficientes para dedo grosso.

Anel pra homem nunca podia faltar e eles experimentavam meio que se rindo, enquanto equilibravam o cigarro no canto da boca. A menos que o tivessem escorado na beirada do balcão.

Quanto custa, vizinha? E pente, tem, aquele que cabe no bolso?

Na primeira prateleira do balcão, rente ao piso, caixas com mercadorias pequenas e em quantidade.

Uma para chaveiros, outra para pentes, a maior para bonequinhos bem pequenas de braços e pernas duras, uma lata com tampa para apitos variados.

Os espelinhos ficavam enfileirados, justos, na caixa forrada com papel de embrulho. Verde.

Os ovos em uma fila, os redondos em outra.

De um lado, espelho, do outro, a mulher pelada, como os cartazes da oficina do Seu Raul, duas salas para lá.

Mulher pelada e bateria.

Mulher pelada e escapamento.

Óleo de motor.

Balcões de ofertas entre ataques e proteção.

Maria Luiza Terezinha de trás do balcão também compravam.

Laranjas, queijo, chimias, ovos.

Vassoura comprida para tirar teias no teto.

Das ciganas, panelas e lençóis.

E apostavam a sorte. O bicheiro carregava um radinho de pilha colado na orelha e passava na loja de manhã, com o bloquinho gordo e enrolado.

Qual é o palpito hoje, vizinha?

Sonho com cobra, que número é, mesmo? Pega lá o livro dos sonhos, na gaveta.

Joga na cabeça. E põe do primeiro ao quinto. O que será o sonho que tem leão com asas e uma águia-gato? Moeda, por exemplo, é zero porque é redonda, se cai e pica no chão é 10, duas vezes é 200.

Invertido também?

Para bilhetes de loteria, números bonitos e maiores.

Dá um pedaço desse aí, é a placa do corcel do José.

Os canários coloridos com ventosa eram a coisa mais difícil de arrumar e de empacotar.

Comprava 50 e 10 vinham quebrados, mas como vendia.

As bolas de acrílico com conchas para a marcha do carro, vendiam pouco.

Eram caras. Acabou e não se comprou mais.

Até que um dia, ninguém mais queria os canários de plástico.

Nem os colares de bolas, nem as pulseiras largas de acrílico.

Ficaram nas cartelas as presilhas de cabelo.

Sobraram sapatinhos de bebê, xale de batizado, conjuntos de cozinha, capas de botijão de gás.

Nem violãozinho de madeira e nem quartinho de boneca saíam mais.

Os transfers emborrachados de passar a ferro rodaram na roda dos valores.

A passagem dos anos se estendia nos calendários que sobravam. A filha mais nova ajudava na escolha das figuras.

Meninas com bichinhos no colo em 1979.



Cesta com frutas apetitosas em 1980.

O Papa João Paulo II em 1981.

Um cristo crucificado em 1982.

Bebês gordinhos e filhotes de gatos e cachorros em 1983. E aquela pintura conhecida do menino chorando, que diziam que virando de cabeça para baixo aparecia o diabo.

Maria Luiza, na *La Paloma Presentes* a pomba é mensageira. Terezinha Maria, a mulher da carta cinco de copas é santa, é morte, é violeira e bailarina com espingarda.

Para uma, valores e importâncias. Para outra, magias e sortes. E para aquela que une as duas pelo nome, simpatias, oferendas, salve, salve.<sup>3</sup>

A cada vez que leio isso, sinto o cheiro das almofadas e colchas feitas com retalhos de pele de animais, tingidas de laranja ou bordô, a mistura das bergamotas com os queijos serranos, a umidade do inverno nas notas de dinheiro surrado com o aroma do café com graspa para aquecer por dentro.

Em seguida disso, brotou um interesse sobre as Meditações de Marco Aurélio, um homem e governante romano que dedicou-se a escrever seus pensamentos no século II, após a era cristã. Diz-se que em momentos livres ele escreveu para si mesmo os mais altos códigos morais como uma maneira de melhorar-se e orientar-se. Interessantemente, 20 séculos depois as meditações daquele monólogo permanecem sendo indicadas para se pensar claramente, como se, lendo Marco Aurélio falando a si mesmo, algo ecoasse para hoje, para nós, para mim e para você. Despretenciosamente, oferta habilidades para libertar o homem das dores e dos prazeres do mundo material, o controle da influência dos outros sobre si mesmo e a crença em um tipo de força que pudesse organizar o universo de forma lógica e benevolente com o todo. Tenhamos algumas delas à frente:

6. [Aprendi] De Diogneto: o evitar inúteis ocupações; e a desconfiança do que contam os que fazem prodígios e feiticeiros sobre encantamentos e invocação de espíritos, e de outras práticas semelhantes; e o não dedicar-me à criação de codornas nem sentir paixão por essas coisas; o suportar a conversa franca e familiarizar-me com a filosofia; e o ter escutado primeiro a Báquio, depois a Tandárido e Marciano; ter escrito diálogos na infância; e ter desejado a cama coberta de pele de animal, e todas as demais práticas vinculadas à formação helênica. (Livro I)

7. Não permitas te arrastem os acidentes exteriores; procura tempo livre para aprender algo bom e pare de girar como um peão. Adiante, debes precaver-te também de outros desvios. Porque deliram também, em meio a tantas ocupações, os que estão cansados de viver e não têm alvo ao qual dirigir todo impulso e, em resumo, sua imaginação. (Livro II)

---

3 *La Paloma Presentes* é um dos *valores em circulação*, uma série que veio como faíscas das Biografêneas, uma proposição da Professora Sandra Lessa, no Curso de especialização Escrita como Gesto de Risco (informação verbal). <https://acasatombada.com.br/poemas-a-porta-la-paloma-presentes-por-carmen-capra/>

12. Se executares a tarefa presente seguindo a reta razão, diligentemente, com firmeza, com benevolência e sem nenhuma preocupação alheia, antes, vele pela pureza de teu deus, como se já fosse preciso restituí-lo. E, além disso, se nada esperas nem evitas, mas te conformas com a atividade presente conforme a natureza e com a verdade heróica em tudo o que digas e comentes, viverás feliz. E ninguém será capaz de te impedir. (Livro III)

12. É preciso ter sempre preparadas essas duas disposições: uma, a de executar exclusivamente aquilo que a razão de tua faculdade real e legislativa te sugira para favorecer os homens; outra, a de mudar de atitude, caso apareça alguém que te corrija e que te faça desistir de alguma das tuas opiniões. Entretanto, é preciso que essa nova orientação tenha sempre sua origem em certa convicção de justiça ou de interesse à comunidade e as motivações devem ter exclusivamente tais características, não o que pareça agradável ou popular. (Livro IV)<sup>4</sup>

Diante dessas reflexões, passei a prestar atenção às condições das intensidades, pois ali deveriam estar as medidas de grande diligência para consigo, inicialmente, e que fossem capazes, depois, de tudo aperfeiçoar, conforme dizem sobre o livro.

O caso, porém, contém a linha tênue que é sempre um combate: as práticas que nos libertam podem ser as que também nos aniquilam. Pensei: um homem romano que elaborou o todo a partir de si, que meditou solitariamente, que hoje ainda pode ser tomado como fonte clara de pensamento... que gestos por aí rodeiam? Isolei os advérbios e o que se parecia com regulações ou medidas, conservando a composição das páginas.

Nas regulações presentes no texto, agora fiz com que estivessem só elas presentes e totalmente expostas, o que permite saltarem as ponderações de um eu que para e pensa, no seu recolhimento ou na contemplação do mundo. Não deixo a saber os objetos das suas regulações, apenas o conjunto de condições que vai se mostrando para fora dos meandros do que seria o texto integral. Ao fazer isso de ressaltar as intensidades sem as suas substâncias, entendo-me fazendo fracassar a escrita, perguntando: o que o estado aberto das intensidades aciona na escrita?

---

4 Marco Aurélio, 2011.



de toda  
constantemente  
em qualquer  
uma dessas em relação  
nem pelo contrário em tudo  
sem ao mesmo tempo, sem  
de tal forma quando  
mas não quando  
à frente Além  
mais ainda  
não em excesso nem com nem com  
mas de maneira que  
especialmente isenta de  
alguma de  
qualquer outra  
de acordo com  
em tudo segundo  
nem sequer disso  
Além não era propício nem a  
imediatamente, depois  
em plenas

5

muito poucos, excepcionalmente apenas sobre  
exclusivamente em  
relação sem Nem nem em  
nem nem nem  
não foi nem nem nem  
de maneira que jamais com exatidão, como se  
sem sem com firmeza,  
concertadamente. bem a  
a maior parte, enquanto em ambos  
durante  
quase todos  
facilmente, nunca apesar de  
semelhante, se  
muito tempo junto  
antes inclusive  
por algum

6

sem  
muito  
próximo nem por isso mais soberanamente  
mais ao mesmo  
tempo demasiadamente  
nas demais em um bom  
já que tão sem demorar, com  
mais tarde  
claramente de acordo  
de maneira que, na medida em que depende  
já que de acordo ainda  
longe com dificuldade  
durante longo inclusive, mais  
nunca apesar  
jamais

7

de tais tão tão  
tão facilmente  
principalmente por meio de  
em forma quando  
nem nem  
demasiado

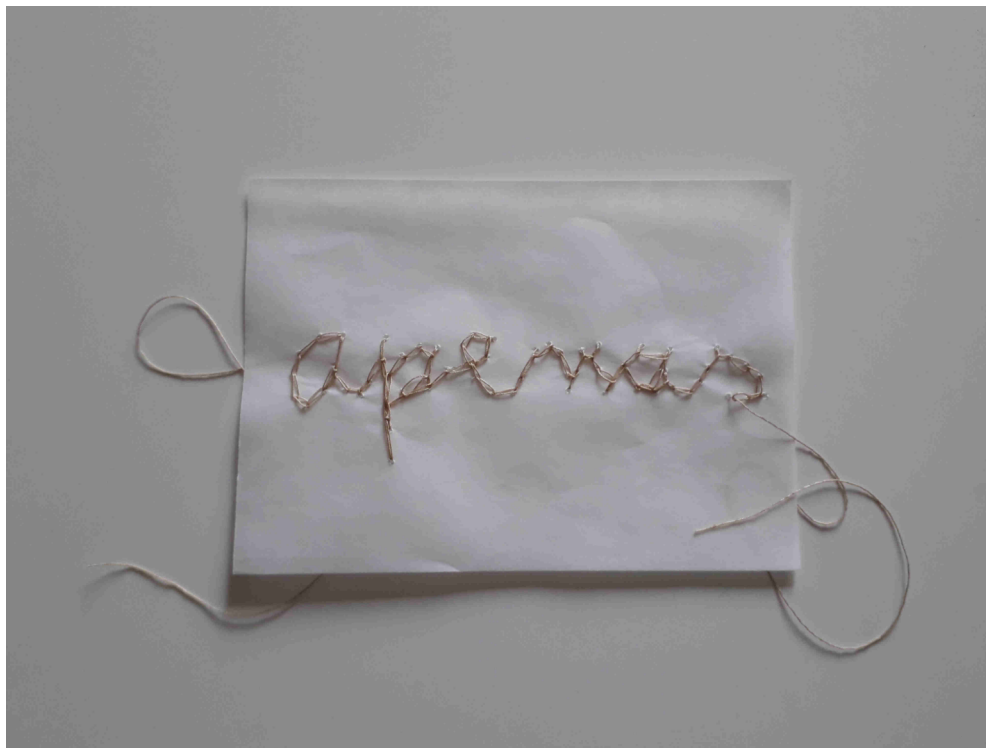
8

Estranhas e interessantes composições. As elevações que a séculos dizem tanto, agora, o que dizem? São como poemas flutuantes com versos desassentados. Quando os lemos em voz alta, permitem forjar verdadeiras frases, ainda que sem a substância que preencheria as quantidades. Versos sem peso em réguas moles, o que aconselham? Se não fundam, o que fazem?

Parece que têm a ver com o gesto da abertura. A estrutura das meditações, quando aberta, faz outras coisas em uma língua que é a mesma, só que não se querendo maior, porque aquela é a língua que morre, que obriga e pesa. Abandonar as medidas de espaço e de tempo, ao abrir as relações que têm como base os sentidos acordados desde sempre, é chegar-se ao funcionamento do sonho.<sup>5</sup>

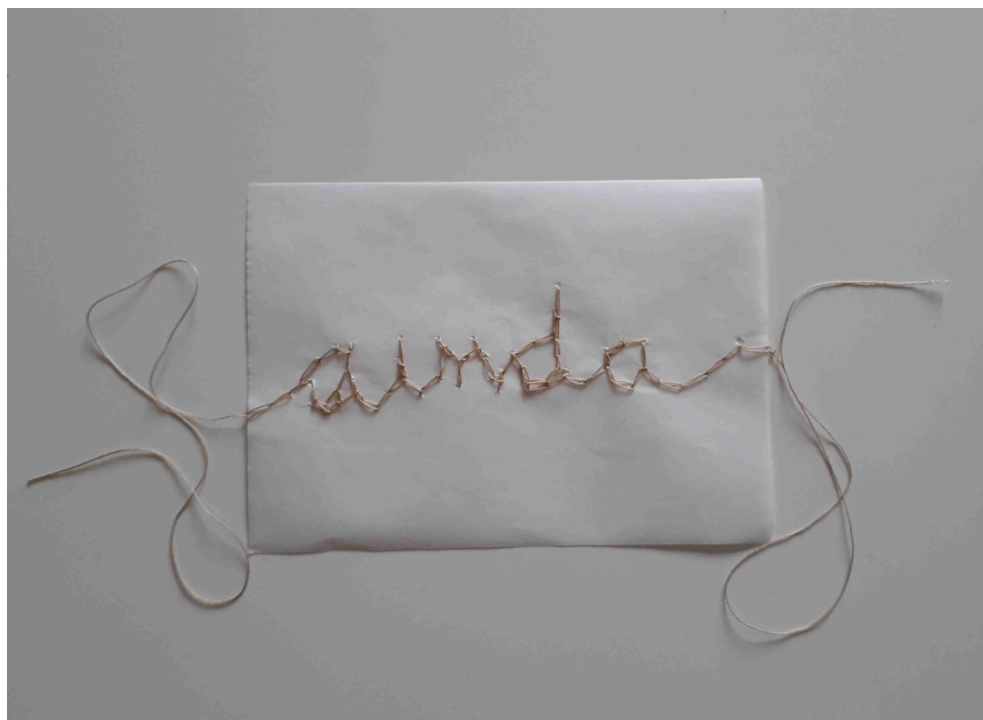
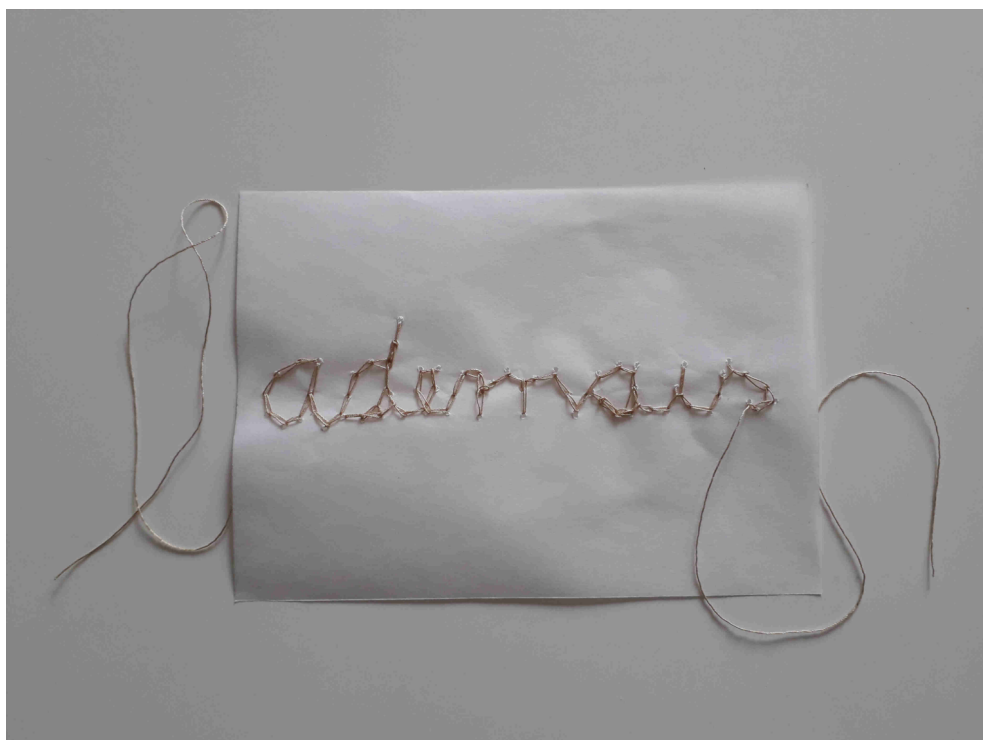
Esticar a língua pela estratégia de fazer fracassar o sentido é uma maneira de fulgorizar novamente a circulação das palavras, é desfazer umas para encontrar outras associações e valores que podem ser outros. Outras valias, outras importâncias. Profanação do valor.

Passei a escamar as intensidades adverbiais – tão, tanto, muito, ademais – de diferentes maneiras: ora em palavra tecida e desmanchável; ora em palavra bordada e desbordável, ora palavra escrita um fio de linha pousado que vai e volta, algo que tem a ver com a ideia de dar mais e mais fio, até onde se decidir.



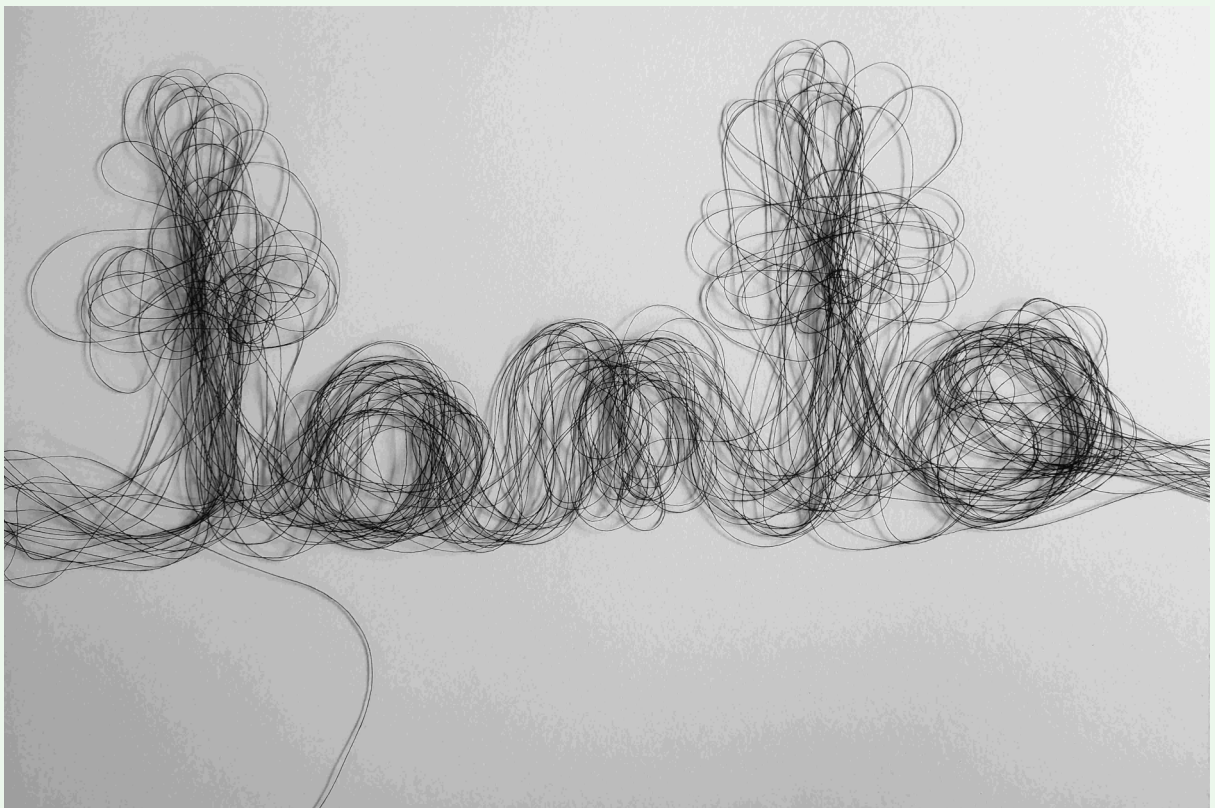
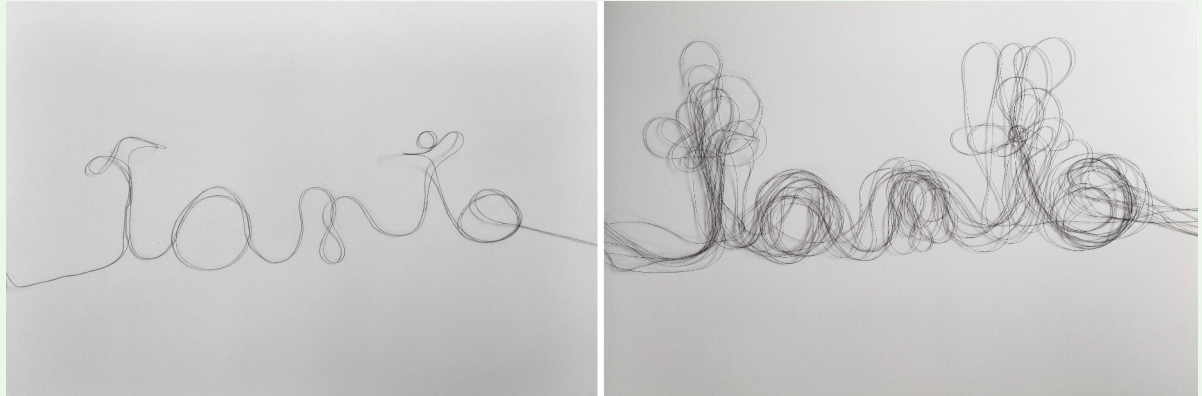
---

5 Carolina Fenati, em palestra ministrada ao curso em 2022.



Três cartões postais, 10 x 15 cm. Crochê sobre papel manteiga, 2021.

É só puxar o fio que o bordado-firmado se vai, tudo pode se desmanchar a qualquer momento, basta um gesto. Desfirmar, desafirmar e desmanchar têm grandes semelhanças, nesses casos. Porém, aí ainda há alguma fixidez que mantém, o que é bem diferente do que ocorre na fiação das intensidades. Fiação da escrita é o que foi feito com fio de linha de costura, pousado como palavra na ida e na volta, como arejando a palavra, camada a camada, durante a construção. Escrita feita em pé, pelo desenho de um braço e pela condução do fio pelo outro braço, as costas convertidas para baixo e o olhar seguindo e seguindo o fio.



Tanto. Três cartões postais, 10 x 15 cm. Fotografia. Linha de costura sobre papel.



Existindo no tempo aquela escrita, ela era uma duração que eu desconhecia, era a construção da palavra a olhos vistos. Fez muito sentido que se tornasse o vídeo que foi feito<sup>6</sup> e que começou pela palavra *tanto*, ali composta por muitas camadas de fio que seriam colocados de volta ao carretel de onde saíram, como se a fiação voltasse ao seu estado de potência, um carretel arejador de palavra, sempre disponível.

Era uma possibilidade, todavia existe um limite. O retorno do fio ao carretel fez tantos nós que nunca foi possível retornar ao estado anterior à escrita. O fio já estava comprometido, enlaçado, recusando-se à condução de volta ao carretel. Entre manter os nós ou rompê-los, optei por escutar o fracasso da boa conclusão, pois, construídas, as camadas da palavra *existem* e não se deixam voltar a ser fio. As camadas da palavra impõem-se, sem acordo.

Ricardo Aleixo, em 2021, ao final de sua aula, disse: “Consenso é o consumo como forma de vida. Ou se aprende a escutar ou ...”



Frames do vídeo (2022)

<sup>6</sup> Complementa a compreensão saber que a escrita com a linha foi feita sobre um bloco de papel para aquarela de tamanho A3, com as tecnologias eletrônicas e estruturais que cabem na vida de uma professora a 30 meses em trabalho remoto, condição que tornou possível que esses experimentos existissem dentro desse curso.



## 2



Então é hora de entrar no gesto de escrita buscado nesse curso de pós-graduação, tendo que o interesse maior desse trabalho são as intensidades e as circunstâncias que podem ser de tempo, de espaço, de quantidade, de tamanho, entre outras, conhecidas como expressões adverbiais, acionadas por uma atitude de levar-lhes a falhar, especulando o que pode ocorrer pelo fracasso da definição, da precisão e da relação que pretendem. Especulei as possibilidades de escrita originadas pela atenção a termos como *não menos, nem sempre, até mais* e *tanto*, desligados de substantivos e verbos, em exercícios e materialidades que abrangem os meios de escrita digital, carimbos e fios, além de fotografia e crochê. Na companhia de diversos textos, a pesquisa iniciou perguntando algo entre a definição de estados e a impossibilidade da precisão. Ao final, tomou a forma de um convite à escrita por carimbos com expressões circunstanciais que podem ser associadas entre si em etiquetas adesivas, formando novas dimensões àquelas palavras, podendo ainda colocar aqueles valores em circulação se forem associadas a objetos ou lugares concretos.

Ensaiai estados de imprecisão ou de indecisão a partir do tensionamento entre escrita, materialidade e gesto produziu uma escrita como prática de risco que arrisca à escrita a possibilidade de falhar, primeiramente dando a pulsar os pontos que medem e regulam, quando isolados do seu objeto. A preservação deliberada das expressões adverbiais de Marco Aurélio, o imperador romano que escrevia seus pensamentos, colocam em meditação as condições deixadas por aquele homem que, em conversa consigo mesmo, deixou escritos que ressoam até hoje.

Em segundo lugar, soltar as expressões condicionantes das substâncias faz tropeçar as relações, dando espaço para que ora sejam apreciadas em si, ora sejam completadas à medida de quem lê. Quando isso acontece pode ser que a abertura dada seja uma radical possibilidade da escrita dar existência ao corpo e isso é a terceira possibilidade a partir do risco de fracassar a escrita.

No primeiro cenário: o que, então, os advérbios fariam pulsar? Advérbios são palavras invariáveis que modificam o sentido de verbos, adjetivos ou outros advérbios e que

representam um **complemento circunstancial** que indica tempo, lugar, modo, qualidade, intensidade, afirmação, negação, etc.: comer muito; pouco cheio; bastante cautelosamente; aqui.<sup>7</sup>

São demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos. Essas palavras incluem, excluem, intensificam, localizam, afirmam, negam e duvidam.

*Nem e de maneira que, na medida em que depende* são a mais curta e a mais longa das expressões circunstanciais do Livro I de Marco Aurélio. Elas localizariam e dariam parâmetros de algo agora ausente, para mostrarem-se como um conjunto peculiar. *Nem* o que, *nem de que?* *Nem* excluiria, mas agora não completa seu destino, além de recusar toda posição. Já *a maneira e a medida em dependência* suspendem uma relação para – quem sabe? – provocar uma beleza, um deslumbre, uma aparição. Pensemos em algo sobre os gregos, antes ainda de Marco Aurélio:

Que os gregos tenham se dedicado à busca da beleza acima de todas as coisas não é difícil aceitar ou entender. Podemos criticá-los, relativizar sua importância, podemos até denunciar nossa paixão excessiva pelo que fizeram, mas isso não altera o fato de que aquele povo, cercado por mitos e mares, apostou todas as fichas no que deslumbra, e o que deslumbra é um certo tipo de aparição irrefutável das coisas neste mundo. A beleza era para eles a mais encantadora das aparições. E aparição é algo frágil. O que surge de repente pode rapidamente se transformar ou desaparecer. Dizemos que “as aparências enganam”, não só porque associamos a aparência ao falso e ao dissimulado, mas porque a aparência não nos garante nem promete nada além do que mostra. Seria talvez mais correto dizer que nós é que nos enganamos ao exigirmos que uma aparência se estabilize, fique parada, quieta e solene como uma verdade eterna.<sup>8</sup>

Faz sentido repetir que a aparição é algo frágil e não garante nada além do que mostra: *ou não, do mesmo, ao bem* (Livro V).

Temos a possibilidade, então, de observar as circunstâncias em movimento, indicações desapegadas, como os adesivos que perdem a cola e se soltam da superfície. A aparição de um *pelo contrário* ou de um *acima de tudo* desprega o contrário do igual, o acima do abaixo e o tudo do nada. *Pelo contrário* pode ser uma volta completa sobre si, o contrário do contrário e de novo, uma espiral encaracolada sem fim que está o tempo todo em revoluções; *acima de tudo* pode ser degraus de vento, a cada vez ventado acima de tudo e de novo. Dadas pela falha da escrita, as aparições são móveis<sup>9</sup> e, talvez até, circulares.

7 Caldas Aulete, 2022. Grifo meu.

8 Laura Erber, 2021.

9 Michel de Montaigne (1987, p. 66), pergunta: “Qual o teu móvel? Ser imperador? [...] Tornar-se César! Então é isso tudo o que sabes fazer? [...] Quaisquer que sejam nossos projetos e os conselhos a que recorreremos, e as precauções tomadas, o destino aí está de posse dos sucessos! Dizemos dos médicos que são felizes quando obtêm bons resultados. Como se somente a sua arte não pudesse bastar-se a si mesma; como se fosse a única cujas bases frágeis demais não a pudessem sustentar; como, enfim, se não houvesse senão ela incapaz de êxito sem a assistência da sorte”.

A expressão das intensidades pode ter muitas formas, vejamos algumas do Livro II das *Meditações*: *algo bom, mais prematuramente, inclusive as mais*. No seu estado normal, elas colaborariam na sustentação de analogias e na caracterização de identidades, só que quando se desfunciona tal estado, é como se recuperássemos a distância impalpável entre as coisas e a linguagem, como se ocorresse a manifestação de uma espécie de ponto cego<sup>10</sup> e, por isso, a possibilidade da imagem que não é a da precisão da vista. Na cegueira, gerações de imagens: *algo bom, mais prematuramente e inclusive as mais*.

Pouco a pouco, o gesto de fracasso das medidas circunstanciais foi levando a pensar sobre a projeção de significados que atribuímos à escrita, como se ela fosse responsável por emitir um foco de sentido com uma determinação suficiente para ofuscar ou até eliminar o que está na periferia daquele foco-significado. Por isso, nesse trabalho não é o significado da escrita o que conta, pois,

antes de ser abolido em insignificância, estremece uma vez mais: há significado, mas este significado não se deixa "agarrar"; permanece fluido, estremece numa ligeira ebulição<sup>11</sup>.

Ainda no Livro II, coloquemos atenção sobre o *assim*, o *adiante*, o *facilmente*, como móveis de um

jogo infinito da fragmentação, [como] a palavra de areia, pulverizada e pulverizadora, alheia a qualquer forma de reverência pelo Todo ou pela Unidade, [que] afasta do campo do pensamento toda tentativa de atribuir um sentido ao mundo<sup>12</sup>.

assim

adiante

facilmente

---

10 Michel Foucault, 2011.

11 Roland Barthes, 1978, p. 108.

12 Ana Lúcia M. de Oliveira, 2019.

Diante do que venho expondo, parece tratar-se do gesto deliberado de tomar certas palavras como sendo de areia e, enquanto são arenosas, também podem ser como que areadas. Esta condição é a que permitiu pensar que o *ar da palavra* pode ser o descritor da tática dessa escrita. No ruir da escrita, o ar da palavra.

## 3



E é possível fixar o ar da palavra?

[...] mas o texto resiste o texto reprega o texto replica seu anverso dispersa seu avesso já é texto o que mais vejo aqui é o invisível do ver que se revista e se revisa para não dar-se à vista mas que se vê<sup>13</sup>

Na pequena parte da Galáxia de Haroldo de Campos, o texto reprega, replica e dispersa e quando deixa de ser, já é texto. *Adiante*, quando está em uma etiqueta adesiva onde comumente estão valores em circulação, é como se fosse um valor de areia ou um índice suspenso.

Fará sentido ler em voz alta alguns dos indicadores do Livro IV, para observar que

em cada palavra a fala se pluraliza, metamorfoseando-se continuamente, abrindo para uma infinidade de sentidos, em proximidade de uma linguagem interrompida que permitiria a interrupção como sentido e a ruptura como forma.<sup>14</sup>

quanto

fora

antes

13 Haroldo de Campos, 1984, p. 46

14 Ana Lúcia M. de Oliveira, 2019.

Nas conhecidas etiquetas de preço, ainda que sejam orientadas ao acerto, ao acordo, ao ajuste, a impressão de um valor impreciso interrompe a linguagem corrente do rótulo de borda vermelha e põe em dúvida a sua forma. Isso porque, culturalmente, temos que

o escrito se venera como um objecto moral e parte de um contrato social: exige que o observem e respeitem, mas em contrapartida marca a linguagem com um predicado raro, que esta não possuía por natureza: é irrevogável.<sup>15</sup>

Jorge Ramos do Ó explica que a linguagem nem sempre foi decisiva, ela recebeu esse predicado a certa altura da história da humanidade. A irrevogabilidade da linguagem é um item importante para dar ar à palavra, porque é exatamente esse carácter de decreto o que está sendo colocado a fracassar.

Historicamente, no ocidente, a escrita foi o recurso pelo qual sentidos foram atribuídos ao mundo, podendo então organizá-lo e gerar acordos em torno daqueles sentidos firmados. Esses acordos foram como pontos unificadores das diferenças e responsáveis por construir unidades estáveis que formaram o que hoje são as culturas nacionais, os sistemas de medidas e as disciplinas, por exemplo.

Essa construção de implicação prática pode ser entendida como uma construção geopolítica e simbólica da própria Europa, origem dos colonizadores da América Latina, que podemos pensar melhor como América Latina para desfuncionar também a construção eurocêntrica que estabelece a cultura ibérica como sendo a nossa matriz central<sup>16</sup>. O caso é que a Europa pode constituir-se como tal à base de acordos que deram condições de agregar povos muito diversos e dispersos, sem unidade alguma. No fim da era medieval

Faltava ao Ocidente uma firmeza da autoridade política e religiosa e, em termos muito gerais, cultural. Entre as grandes civilizações, ela se singularizava por sua persistência à padronização e à centralização nos campos político, religioso e intelectual [...] ela não tinha centro e, portanto, tinha centros por toda parte.<sup>17</sup>

Era uma mistura de “controles e contrapesos” disputados por reinos, ducados, baronatos, bispados, comunas, guildas, universidades, além da disputa destes com os importantíssimos homens de negócios que, cambiando moedas, excitavam camponeses, nobres, sacerdotes. A burguesia – homens de negócios ou comerciantes, são todos o mesmo – era vista pelas elites palacianas e religiosas como possuidoras de uma “meritocracia petulante” que, mesmo temida e desdenhada, tinha que ser aturada porque havia

<sup>15</sup> Jorge Ramos do Ó, 2019, p. 98.

<sup>16</sup> Lélia Gonzales a partir de Nicole Ballesteros Albornoz, 2020.

<sup>17</sup> Alfred Crosby, 1999, p. 61.

[...] criada uma civilização em que as outras pessoas só podiam obter satisfação pessoal comprando os serviços daqueles que viviam fazendo cálculos e concedendo-lhes privilégios.<sup>18</sup>

Pretendendo demonstrar que o ocidente europeu não foi sempre um bloco culturalmente único e dominante, nem foi um território vocacionado a isso. Os europeus ocidentais eram periféricos e desarmônicos, tanto que necessitavam de explicadores e adaptadores para encontrar acordos entre as tantas formas de pensar. Alfred Crosby (1999) caracteriza a Europa ocidental no fim do medievo como uma confusão perpétua, tomada de explicações imprecisas para os fenômenos e de erudições tanto profundas quanto incompreensíveis pelo povo e pelos abastados. Além disso, era carente de uma tradição clássica filogenética, como as contemporâneas civilizações muçulmana, chinesa e indiana. Essas características são aquilo que o autor fornece para analisar o Novo Modelo de lidar com a realidade, aquele capaz de “dar à vida uma certa dose de confiabilidade, reduzindo as incertezas extremas da existência” daqueles tempos.

Aí que, a partir do século XIV, o Novo Modelo colocou-se a

visualizar a matéria que compõe a realidade como agregados de unidades uniformes, como elementos de quantificação: léguas, milhas, graus de ângulos, letras, florins, horas, minutos, notas musicais. O Ocidente estava tomando a decisão (ou, ao menos, majoritariamente a decisão) de tratar o universo em termos de quantidades uniformes em uma ou mais características, quantidades estas frequentemente consideradas como dispostas em linhas, quadrados, círculos e outras formas simétricas: pautas musicais, pelotões de soldados, colunas de livros de escrituração contábil, órbitas planetárias. Os pintores pensavam nas paisagens como cones ou pirâmides visuais geometricamente exatos, cujo foco era o olho do observador.<sup>19</sup>

A unificação do continente europeu deu-se a partir da “façanha sem precedentes” do processo de quantificação, isto é, o empenho em decompor as coisas, as energias, as práticas e as percepções em partes uniformes e em contá-las<sup>20</sup>. O modo com que o então ocidente dos séculos XIII ao final do século XVI estendeu “a mão para a realidade física” foi um gesto quantificador. De tão eficiente que foram os efeitos da mentalidade criada e a sua preponderância colonizante, é muito difícil conceber outros modos de interação com a realidade.

Os europeus não eram tão magníficos quanto acreditavam, mas souberam organizar grandes coletâneas de pessoas e capital e explorar a realidade física em busca de conhecimentos úteis e de poder, de um modo mais eficiente do que qualquer outro povo da época. Por quê? [...] A vantagem dos ocidentais, creio eu, residiu inicialmente, não em sua ciência e tecnologia, mas

18 Alfred Crosby, 1999, p. 62.

19 Alfred Crosby, 1999, p. 22-24.

20 Idem.

em sua utilização de hábitos de pensamento que, com o tempo, iriam permitir-lhes avançar com rapidez na ciência e na tecnologia, e que, entretantes, deram-lhes habilidades administrativas, comerciais, navais, industriais e militares de importância decisiva. A vantagem inicial dos europeus residiu no que os historiadores franceses chamaram de *mentalité*. [...] Um modelo quantitativo foi começando a substituir o antigo modelo qualitativo.<sup>21</sup>

O caso é que nas sociedades resultantes do processo colonizador e civilizatório europeu, o estudo daquilo que pode ser pensado e medido tornou-se uma *paixão obsedante*<sup>22</sup>. Tanto que com facilidade identificaremos nossa enorme dificuldade em imaginar outros modos de abordar a realidade, dada a obsessão forjada por séculos pela quantificação, pela estabilidade, pela presunção da uniformidade e pelo seu exame: o relógio e a medição do tempo, a música e a quantificação dos sons, a pintura e a visualização do espaço pela representação em perspectiva, a contabilidade dando condições de firmar e expandir o comércio. Foi uma paixão perfeitamente ajustável aos modos do capitalismo nascente, impulsionado por homens brancos, colonizadores, exploradores, negociantes, proprietários.

Além dos cenários dados pelo isolamento e pulsação das expressões circunstanciais por si, aqui muito interessa a passagem da fala e da escuta de pessoas para a visão e a leitura de um indivíduo, o que deu-se, por exemplo, pela transformação das bibliotecas do século XIV. Elas deixaram de ser espaços ruidosos como refeitórios para serem lugares de leitura silenciosa e rápida. Trata-se de um arco que diminui gradativamente a participação do corpo na organização do mundo, então mais que pensar em exemplos, formemos algumas cenas: Heráclito, filósofo pré-socrático que viveu próximo do ano 500 antes da era cristã, deitado à sombra, estica sua perna em direção ao sol e determina: o sol tem o tamanho de um pé<sup>23</sup>; no século VII os múltiplos de 10 eram especificados encostando-se o polegar em uma das articulações dos dedos, tanto que números muito grandes exigiram “uma gesticulação de dançarino”; na geografia qualitativa do século XIII, o sul significava calor e estava associado à caridade e à Paixão de Cristo; uma instrução do século XIV orientava os novatos a cozinharem um ovo pelo tempo que levavam para recitar um salmo; a produção de cálices e órgãos no medievo e na renascença incluíam pouquíssimos números e os procedimentos incluíam indicações como “um pouco mais” e “um pedaço de tamanho médio”.<sup>24</sup> É que

A vista substituiu o ouvido como órgão da percepção, recepção e de organização da vida social. [...] a nossa mente deixou de se organizar a partir de um recurso outrora vital, dialógico e da acção combinada que recorria quer ao ritmo, à música, às canções e à dança, a frases feitas, a fórmulas, provérbios, máximas, ditos e refrãos, a fim de analisar, dissecar, memorizar, rever e

21 Alfred Crosby, 1999, p. 11.

22 Alfred Crosby, 1999, p. 22-24.

23 Luiz Montiny, 2010.

24 Alfred Crosby, 1999, *passim*.



revisitar a realidade, quer, ainda, a figuras poéticas como a metáfora, destinadas a produzir a emergência de novas associações, a expandir e ramificar o limiar da imaginação [...] <sup>25</sup>,

A vista centralizou-se como centro de uma mentalidade que perpassa todo o tipo de trabalho que realizamos hoje como sendo naturalmente solitário. A princípio mais evidente na leitura, o foco no individual também está em estudar, ouvir música, escrever, cuidar-se, dançar, beirando por vezes um prazer individual que abre mão de relações compartilhadas com outras pessoas.

A questão é que a passividade, a distância e o isolamento posicionam o sujeito como espectador, em uma captura da e pela visão que tem efeitos sociais e políticos:

o olhar que domina o mundo é desencarnado e focalizado. Nossos olhos de espectador, assim como as imagens que passivamente consumimos, também o são. Frente a isso, é recorrente, no pensamento e na arte contemporâneos, invocar o poder da voz e do tato como potências da proximidade e da relação, frente ao poder glacial e fragmentador da vista. <sup>26</sup>

Não se trata da renúncia de olhar o mundo, mas praticar uma visão menos frontalista e mais periférica, de uma atenção menos focal e mais envolvida, menos controladora e mais corporificada, participativa e empática <sup>27</sup>. Que a visão veja com o corpo.

Teria sido Sócrates quem pôs em relação a compreensão da verdade à energia psíquica individual, isto é, para compreender a verdade haveria o desempenho de uma razão mental particular distanciada da estesia do mundo vivido e dos sentidos compartilhados. Esse passo adiante na primazia do sujeito universal opôs-se e se sobrepôs ao que acontecia na cultura da oralidade. Podemos pensar que aos poucos aconteceu a substituição de um corpo que fala – que gesticula e emite algo para a escuta, porque o outro compõe o real junto – por um indivíduo que processa. É possível compreender isso

não apenas como um acto de audição [que] foi substituído por um acto de visão, no que respeita tanto à comunicação como aos meios de a comunicar, mas, fundamentalmente no modo como o sujeito passa a poder pensar enquanto usa e se relaciona com a palavra escrita. <sup>28</sup>

Injetar ar na palavra poderia reabrir a palavra à oralidade? Com as especulações que surgem quando trabalhamos ao revés sobre as expressões circunstanciais que podem tornar-se quantificadoras, pode ser que o corpo volte a ser evocado. O formato aparentemente falado

25 Jorge Ramos do Ó, 2019, p. 124.

26 Marina Garcés, 2013.

27 Marina Garcés (2013) em diálogo com o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa.

28 Jorge Ramos do Ó, 2019, p. 118.

dos diálogos de Platão<sup>29</sup>, por exemplo, pode ser entendido como a não separação entre oralidade e literacia, entre ouvido e olho, pois ao mesmo passo que são algo para ler, o ritmo é de corpos em diálogo<sup>30</sup>.

As posições corporizadas na escrita platônica – “posições-entre”<sup>31</sup> a cultura oral e a cultura escrita – contribuem quando uma quantidade é repetida e repetida aqui – tanto tanto tanto – como se abrindo-a em camadas fosse possível retomar a acústica perdida. Pensando ainda de outro modo, quando aquilo que situa e mede torna-se impreciso e vago, sua resolução só poderá assentar-se pela convocação não de um dado, mas de um corpo, pela voz.

Na sugestão da relação com um corpo, evoca-se não apenas medidas sem precisão, como *apenas, um tanto, tanto quanto baste*, pois passam de indicar para fundar sentidos sob algo que está para um corpo. *Um tanto* libera-se para ser contornado por um punhado, uma nesga ou uma eternidade. Há rastros de um corpo ali. *Tanto quanto baste* está à espera da condição de um corpo vivo na mensuração que se basta a si, talvez seja *apenas* um cubo de açúcar, *apenas* a grama no jardim, *apenas* a dor dos dias.

Quando a medida vem como índice, ela é uma certeza, um estado tal das coisas que teve condições de ser emitido porque alguém depurou a realidade para obter uma convicção. Não é que todos os índices sejam perversidades, afinal a organização do mundo precisa de acordos práticos que o tornem compartilhável. A questão é que na nossa ocidentalizada educação, ainda que um valor não aparente ser uma cota, uma localização, uma precisão, enfim, ele é funcionado por uma lógica contratual que é capitalista. Isto, porque

O contrato ou a associação de valor universal é a única mediação entre a desordem e a ordem, entre a individualidade concreta, sujeita a necessidades e o desejo ilimitado de posse, e a *subjetividade abstrata*, depositária de valores como a igualdade e a universalidade. É precisamente a abstração dessa subjetividade, ainda que depositária da igualdade e da universalidade, o que permite manter a relação e cooperação concreta dos homens em termos de *indiferença recíproca*. Assim, o universalismo jurídico se estabelece pela redução das relações interpessoais em relações econômicas.<sup>32</sup>

Subjetividade abstrata, indiferença recíproca... Não são os valores em si o problema, mas a mediação ou a promessa injetada neles, como se repusessem o elo entre o individual e o universal, entre o concreto e o abstrato, daí os valores serem tão associados aos comércio. O valor comercial firma-se universal e universalizante tanto pela forma de circulação – preços, tabelas, notas, medidas, posições, posturas, quantidades, períodos, formas – quanto pelo modo como se dissemina em nossas ações além deles. Basta pensar nos obsessivos

---

29 Platão usou o diálogo como forma de transmissão de sua filosofia, enquanto que Sócrates não deixou escritos e os filósofos anteriores a Sócrates escreveram em forma de poesia ou prosa.

30 Jorge Ramos do Ó, 2019, p. 114.

31 Idem.

32 Marina Garcés, 2013, p. 26. Tradução minha.

ranqueamentos de avaliação e captura de dados que impregnam as redes sociais que atravessam (capitalisticamente) a vida particular e pública.

Ainda é interessante pensar nos sistemas que jazem na eternidade dos acordos, como o sistema métrico, por exemplo. A historiadora e crítica de arte colombiana Julia Buenaventura (2020) explica jocosamente diversos arranjos em torno de sistemas abstratos de valoração e medição e como artistas contornaram o assunto em obras de arte<sup>33</sup>. Conta que muito antes da convenção que usamos hoje, Henrique I da Inglaterra, no século XII, estipulou que a unidade padrão de medida seria assim: tendo o braço estendido, a medida que ia do seu polegar à ponta do nariz era o padrão daquele reino. Mais tarde, na França do século XVIII, o metro nasceu a partir do diâmetro do meridiano do nosso planeta, “perfeitamente esférico”. Dividido sempre em base dez, o metro foi o nome dado à décima bilionésima parte de um quadrante do globo ( $\frac{1}{4}$  do meridiano completo). Ocorreu, contudo, que os cálculos foram feitos com dois quilômetros a menos, o que faz com que o metro não tenha os 2 milímetros correspondentes... A objetividade mental buscada só podia mesmo vir medida do globo – essa figura-objeto culturalmente construída – e não de um corpo.

Diversos artistas trabalharam repensando e zombando um pouco das medidas e da cultura do ímpeto medidor. O francês Marcel Duchamp foi um deles, para quem as medidas objetivas não existiam, tanto que em 1913 criou um novo metro. Pegou três cordas de exatos um metro cada, suspendeu-as a um metro de altura e as deixou caírem no chão. Cada corda formou uma linha sinuosa no solo, o que foi cuidadosamente transposto para um suporte de madeira, formando um conjunto de três réguas onduladas e aleatórias, guardadas em uma caixa austera, também de madeira.

---

33 Ver a série Arte y Valor de Cambio <https://www.youtube.com/watch?v=tvTAI6BAFM&list=PLAk-gb1w0GQKY9FaY471ds7HWk6P1D6Mm>



Fonte: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/duchamp-3-stoppages-etalon-3-standard-stoppages-t07507>

A obra recebeu o título *Trois stoppages étalon*, o que pode ser traduzido como Três paradas padrão, descritas por Duchamp como “um metro preservado, um acaso preservado” e um trabalho que abriu o caminho para que ele escapasse dos “métodos tradicionais de expressão há muito associados à arte”<sup>34</sup>, basicamente os associados à visão.

A imagem da obra feita em 1913–14 é uma réplica feita em 1964. Com uma austeridade jocosa, são outros metros que nos libertam do universalismo enciclopédico e dos rastros objetividade que, em sua aparência objetiva e mental, escondem um forte discurso de poder.<sup>35</sup>

Voltemos a Marco Aurélio, que o tempo todo vai ponderando, localizando e meio que calibrando uma coisa e outra. Ainda que estivesse meditando em seus pensamentos, ele está em uma posição de compreensão solitária, o que pode ser um guia de conduta ambíguo entre um pensamento curioso e divagante e a hierarquia que aquelas palavras podem edificar. Se forem tomadas pela lógica contratual, afirmam uma conexão fundada no abstrato daquele roteiro, distinguem e desvinculam com a vida concreta. Sim, ler o Marco, mas como agir com o marco?

Não será provar o fracasso do homem Marco Aurélio, nem difamar o seu livro, nem destruir o legado cultural de voz milenar. Será o caso de levar ao fracasso as maneiras de nos associarmos com o homem romano, rompendo o contrato de leitura mentalista pela re-

34 Tate Modern, 2022. Tradução minha.

35 Julia Buenaventura, 2020. Tradução minha.

posição do corpo na leitura, este sim o elo irreduzível com a vida e com o viver com outros seres. É justo vermos aí um *trabalho da desrazão*<sup>36</sup>.

Mas passemos a observar algumas quantidades liberadas do Livro VI: *de acordo, efetivamente, de fato*. Desidealizadas, desmoralizadas, acordos, efetivações e fatos aproximam-se ao “grande sim” ou ao trágico de Nietzsche, que é

Um modo de pensamento que fosse capaz de assumir e afirmar a totalidade da existência, na integridade de seus aspectos, incluindo o que nela existe de sombrio e luminoso, de alegre e doloroso, de desfalecimento e exaltação. Trágico é um pensamento capaz de acolher e bendizer tanto a criação como a destruição, a vida como a morte, a alternância eterna das oposições, no máximo tensionamento.<sup>37</sup>

Então bendizer a alternância eterna das oposições tem a ver com ficcionalizar as medidas em um modo de começar as mesmas palavras inaugurando outras coisas, tornando-as novamente, começos. Ou acionando a circulação de valores a partir de expressões circunstanciais coletadas no dia a dia inscritas em etiquetas de preço, sobrepostas a fotografias feitas por mim durante o período em que esse curso ocorreu e que coincidiu com a pandemia:

NEM POR ISSO

MAIS LOGO

---

36 Peter Pal Pelbart, 1989, p. 177.

37 Oswaldo Giacoia, 2010.



Com essas imagens reivindicamos o corpo na completude das circunstâncias provocadas. As fotografias valoradas por índices abertos contêm ações intencionais em vários níveis, o que inicia com minhas escolhas: a captura da curiosa composição privada com objetos em casa, a inusitada composição pública em uma praia no litoral gaúcho, a atribuição de um valor com expressões que cintilaram nas conversas do cotidiano. Depois, as imagens sugerem uma leitura que se repõe no corpo para gerarem sentidos, assim como repuseram a escrita no meu corpo para esse gesto de risco, porque entendi que

Para escrever não é preciso ter uma parede de livros, é preciso ler efetivamente aquele que escreve. Ou para escrever é preciso fazer algo que nunca foi feito antes. A escrita não pertence necessariamente ao universo da palavra, pertence ao universo do corpo no mundo.<sup>38</sup>

Toda a construção deste trabalho foi feita a partir de excertos das aulas e leituras oferecidas pelo curso Escrita como Gesto de Risco. Marcantes, reenergizaram intenções poéticas estacionadas a muitos anos, conforme apresentei nas primeiras páginas, e incidiram fundo também nos estudos que realizei para meu próprio trabalho como professora universitária, o que permitiu a composição de um arquivo de ideias preciosas, aos modos do que Jorge Ramos do Ó (2019)<sup>39</sup> invoca por aqui desde a palestra que acessamos em 2020, abrindo a nossa convivência na Casa Tombada. Aliás, também foi por meio dele que lemos Marco Aurélio, pelo que fiquei intrigada dada a pregnância milenar de um livro que dizem ter sido feito com despreensão.

Dessa maneira, direciono a parte final desta escrita às hierarquias, atentando ao que nos afasta ou até anula da expressão das ideias. A invenção do código alfabético por volta do ano 700 antes da era cristã aos poucos foi matizando a expressão humana com o mentalismo do sistema de escrita e de leitura. A abrangência da expressão oral, cujos recursos poderiam lançar mão de tudo que um corpo é capaz, aos poucos foi sendo atrelada à pobreza e, por isso, foi depreciada pelos homens cultos<sup>40</sup>. A riqueza cultural desde então já era mental e descolada do corpo que habita o mundo compartilhado.

Chama a atenção a existência de uma certa maneira de fazer associações que ergue um edifício robusto, sólido mesmo e invisível, algo como uma crença inabalável que tinge o estar no mundo com hierarquias das quais, se somos crentes ou vítimas, nunca sairemos sem lesões. Ora, uma fé que não se acorda com o que vivemos no terreno do comum, que não venha e se dirija ao viver, sempre tem um quê de distinção: ter ou não ter a crença, estar dentro ou fora dela, exercê-la mais ou menos. Podemos ter em mente uma religião, mas não só: a história, a arte, a beleza, a verdade, a lei, a educação, o corpo, ainda que sejam matérias

---

38 Ana Godoy, 2020.

39 Ver <https://www.youtube.com/watch?v=YQYv4ApFGLk>

40 Jorge Ramos do Ó, 2019, p. 123.

de estudo, que nunca tenham rompido o seu inadiável laço com a vida para tornarem-se convicções que nos dis-traíam.

Em um pequeníssimo conto de Lydia Davis encontrei algo interessante:

Acredito que ela virá, mas junto com minha fé há um temor que sempre a acompanha, o temor que é inerente a toda fé, sempre, desde o início dos tempos.<sup>41</sup>

O temor inerente a toda fé... Em proximidade com a obsessão ocidental pela quantificação, esse temor pode ser como o abismo da condenação porque, sendo a convicção o parâmetro total e em si, o que não está nela só pode ter o seu ser na exata oposição. E produzir mundo e pensamento por oposições é exatamente uma produção chaveada em quantidades padrão, o que assedia de pronto uma mentalidade contábil de ser.

Então todo esse percurso trouxe um outro jeito de tratar a escrita, um jeito que extrapola o próprio ato de escrever. A bem poucos dias de redigir estas últimas linhas, li algo de Antonio Lafuente e Alberto Corsín sobre a circulação de bens em sociedades distantes dos centros urbanos e estudadas pela antropologia, nas quais não é um valor ou uma coisa o que circula, mas a própria comunidade, pois

[...] cada objeto circulante leva consigo a pessoa que o dá, como também todos os dispositivos e convicções que permitem a circulação e que estruturam essa húbri em rotação, lubrificada a cada ciclo, que os humanos conformam com não humanos, os objetos com os valores e os ambientes com os contextos. Dar para que sobreviva o mundo ao qual pertenço, para garantir sua prorrogação. Dar tudo é a aposta perfeita, pois com o gesto terminal se conseguem dois benefícios: que doar seja redistribuir e que redistribuir seja renascer. O dom expandido, diria Deleuze, permite contraefetuar o comum.<sup>42</sup>

Com isso, este trabalho aparenta ser uma caixa de ressonâncias da qual apenas pude me avizinhar com o que chamei de ações inúteis, no passado. Aceitando o convite feito por este curso, entrei na caixa de ressonâncias, onde passei a atritar as expressões circunstanciais do general romano para encontrar as hierarquias que recaem sobre nós e a contraefetuação do instituído. Contraefetuar ou desfuncionar foram gestos simbólicos e práticas de escrita que colocam atenção em algo para manifestar o que vem junto àquelas palavras por um exercício de dúvida e de escamação.

Uma obra da artista venezuelana Gego (1912- 1994) propõe uma visualidade para o que busco descrever: uma estrutura escultórica não sólida, onde linhas de arame articulam

---

41 Lydia Davis, 2013, p. 22.

42 Antonio Lafuente e Alberto Corsín, 2011, p. 24. O comum, neste caso, é o ordinário.



formas que se juntam para formar volumes em forma de rede. Os volumes escultóricos de Guego na série Reticuláreas (1969-1982), em vez de solidez, massa, volume e escala, como regem os sistemas de medição do mundo concreto e a escultura tradicional, suscitam muito mais o “modelo venerável”<sup>43</sup> e qualitativo de compreender a realidade. Fornecem uma experiência de dimensões humanamente compreensíveis, factual e simbolicamente, como era antes dos sistemas de quantificação e certeza.



Coluna (reticular quadrada), 1972. Varas de aço inoxidável, arruelas de ferro, quatro chumbadas (pesos) e fio de nylon  $137 \frac{3}{4} \times 51 \frac{3}{4} \times 51 \frac{1}{4}$  polegadas (350 x 130 x 130 cm). Fonte:

<https://www.levygorvy.com/happenings/gego-columna-reticularea/>

---

43 Crosby, 1999. É o sistema de quanti



Meditar sobre palavras circunstanciais de quantidade, localização, tempo e modo, portanto, permite exercícios de fundação de um lugar de pensamento e ação sobre o mundo. Quanto mais diversas forem as maneiras de fundar as palavras, pode ser que menos profundos sejam os temores e as proibições, pois a vida fundada no medo, como o que temos acompanhado na atualidade brasileira, apenas dissemina destruição. E que a lógica do contrato possa não

meramente ser cumprida ou descumprida, mas que assuma um funcionamento outro que ressoe, que transpire, que seja cantado ou que nos lance a outras associações com o mundo.

Isso contribui ao sentido do trabalho final de escrita ter a forma interativa de 32 carimbos com expressões adverbiais do Livro III<sup>44</sup> das Meditações de Marco Aurélio.

apenas	mais	tanto
antes	sem	quanto
também	só	ainda
inclusive	conforme	nada
quando	assim	jamais
muito	fora	através
longe	durante	qual
depois	tais	demais
mesmo	bem	agora
tudo	como	sempre
toda	nunca	



44 Ao todo são 141 expressões circunstanciais no Livro III, das quais foram selecionadas as de palavra única.



As maneiras encontradas de fracassar a escrita – desfuncionar, contraefetuar, falir – nada mais são do que tentativas de encorajamento à ampliação e compartilhamento de existências com dignidade e confiança entre nós. Lydia Davis, novamente:

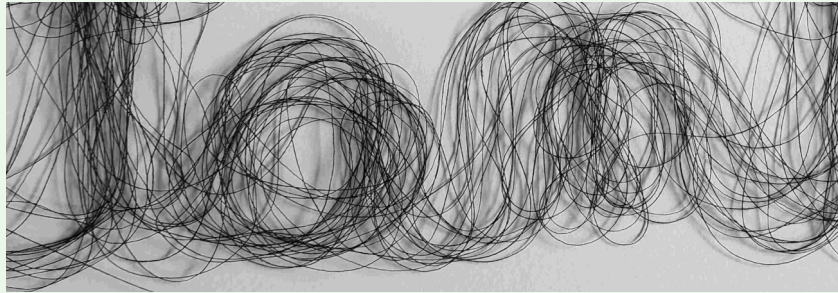
Desse modo, à medida que mais assuntos puderem ser abordados de novo, eles conversarão mais, e se conversarem mais, haverá mais confiança entre eles, e quando houver bastante confiança, poderão se arriscar a tratar até do mais perigoso dos assuntos proibidos.<sup>45</sup>

---

45 Lydia Davis, 2013, p. 32.



## 4



ALBORNOZ, Nicole Ballesteros. **Lélia Gonzalez**: a feminista negra da América Latina. Disponível em: <https://catarinas.info/lelia-gonzalez-a-feminista-negra-da-america-ladina/> . Acesso em 14 ago. 2022.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes par Roland Barthes**. Tradução de Julieta Sucre. Barcelona: Editions du Seuil, 1975 y Editorial Kairos, 1978.

BUENAVENTURA, Julia. **Arte y valor de cambio, sistema metrico**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F-KVafwNH44&list=PLAk-qb1w0GQKY9FaY471ds7HWk6P1D6Mm&index=7> . Acesso em 10 ago. 2022.

CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. São Paulo: ExLibris, 1984.

CROSBY, Alfred W. **A mensuração da realidade**: a quantificação e a sociedade ocidental. São Paulo: Edidora UNESP, 1999.

DAVIS, Lydia. **Tipos de Perturbação**: ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ERBER, Laura. Para os guardiões da beleza. **Suplemento Pernambuco, julho de 2021**. Disponível em: <https://suplementopernambuco.com.br/pernambuco/129-laura-erber/2719-para-os-guardi%C3%B5es-da-beleza.html>. Acesso em 14 ago. 2022.

FOUCAULT, Michel. A Linguagem do Espaço. In: **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Manoel Barros da Motta, Organizador. Ditos & Escritos VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

GARCÉS, Marina. **Un Mundo Común**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2013.

GIACOIA, Oswaldo. Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência. Entrevista concedida a IHU On-Line. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Edição 330, 24 Mai 2010. Disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3238-oswaldo-giacoia-1> . Acesso em 10 ago. 2022.

GODOY, Ana. **O que é preciso para escrever?** 2020. Disponível em: <https://soundcloud.com/anagodoy/o-que-e-preciso-para-escrever>. Acesso em 14 ago. 2022.

IPEM- Instituto de Pesos e Medidas do Estado de São Paulo. **O sol aos seus pés Almanaque de metrologia**. Disponível em: <https://ipemsp.wordpress.com/2010/02/26/o-sol-aos-seus-pes/> . Acesso em 14 ago. 2022.

LAFUENTE, Antonio; CORSÍN JIMÉNEZ, Alberto. Comunidades de atingidos, o comum e o dom expandido. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 21, p. 10-25, jun. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641247002.pdf>. Acesso em 14 ago. 2022.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Tradução de Thainara Castro. Brasília: Editora Kiron, 2011.

Ó, Jorge Ramos do. **Fazer a mão** - por uma escrita inventiva na universidade. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.

Ó, Jorge Ramos do. **4ª conferência - Jorge Ramos do Ó- A enunciação como um permanente estado de reescrita**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YQYv4ApFGLk> Acesso em 14 ago. 2022.

OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. **Falar é morder uma epidemia**. 2019. Disponível em: <https://palavracomum.com/falar-e-morder-uma-epidemia/> Acesso em 14 ago. 2022.

TATE MODERN. Materials and Objects. 2022. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/duchamp-3-stoppages-etalon-3-standard-stoppages-t07507>. Acesso em 14 ago. 2022.